

Diversidade de conceitos

Envolto em ambiguidade, o conceito de currículo é um conceito passível de múltiplas interpretações no que se refere ao seu conteúdo e variadas perspectivas acerca da sua construção e desenvolvimento (Pacheco, 2001; Ribeiro, 1990; Roldão, 1999).

O currículo abarca aprendizagens interligadas e integradas provenientes de distintos campos de conhecimento, instituído por um currículo nacional que estabelece a matriz de princípios, valores e áreas de competências a desenvolver.

Roldão (1999) “refere-se sempre ao conjunto de aprendizagens consideradas necessárias num dado contexto e tempo e à organização e sequência adotadas para o concretizar ou desenvolver” (Roldão, 1999, p.43).

Ribeiro (1990,p.11) refere não possui “um sentido unívoco, existindo na diversidade de funções e de conceitos em função das perspectivas que se adotam o que vem a traduzir-se, por vezes em algumas imprecisões acerca da natureza e âmbito do currículo”.

Currículo - Marco Epistemológico

O currículo é uma palavra com origem no latim que significa percurso.

Ao contrário de uma ideia que possa surgir previamente, *o currículo não é apenas um programa, é também como este se cumpre, dependendo das experiências de cada um.* Este *distingue-se, portanto, de pessoa para pessoa e de país para país.* É caracterizado ainda *como uma relação de poder porque, onde os mais ricos* têm mais domínio sobre o que o currículo deve abranger. O mesmo é ainda tido como *uma espécie de autobiografia,* havendo muitos fatores que a podem *influenciar, tais como os professores e colegas que tivemos/temos, a família e as capacidades que dispomos e as próprias oportunidades* que nos surgem.

O termo aparece pela 1.^a vez mencionado Oxford English Dictionary, associado à Universidade de Glasgow (1577).

No final do século XIX , segundo Kliebard (1995) emergiram grandes tendências que marcariam os conflitos em torno do campo curricular no século XX.

Com a explosão demográfica, a proliferação da imprensa e a diminuição dos preços dos jornais, a invenção dos preços dos jornais.

A industrialização e os processos imigratórios intensificaram a massificação e a escolarização.

Foram talvez as condições associadas com a institucionalização da educação de massas que permitiram que o campo de estudos do currículo surgisse, nos Estados Unidos, como um campo profissional especializado.

- a extensão da educação escolarizada em níveis cada vez mais altos a segmentos cada vez maiores da população;
- as preocupações com a manutenção de uma identidade nacional, como resultado das sucessivas ondas de imigração;
- o processo de crescente industrialização e urbanização

O que começava a ser questionado o currículo, como meios ideais para a consecução de novos desafios que a sociedade começava a exigir.

Deste tempo, **sobressaem as ideias de John Dewey sobre a educação**, expressas num breve **ensaio publicado em 1902**, intitulado *The child and the curriculum*, onde lança os fundamentos da escola progressista, **que tem na criança o centro das preocupações da construção do currículo.**

A teoria do Currículo Franklin Bobbit professor e escritor, aparece na 1.^a metade do século XX com as obras “The Curriculum” (1918),e “How to Make a Curriculum”(1924), **marcaram o início de uma etapa no desenvolvimento do campo curricular.**

O primeiro livro difundido sobre, “The Curriculum foi uma notável referência nos estudos do currículo. **Propunha uma escola conservadora que funcionasse como uma empresa ou indústria.** Em que os alunos deveriam alcançar os objetivos, mas tinham uma série de procedimentos padronizados para desenvolver.

O currículo é visto como um processo de racionalização de resultados, onde eram rigorosamente especificamente e medidos. Assim o currículo servia para gerar bons trabalhadores.

Bobbit associa a escola à fábrica, a criança à matéria prima a ser moldada em adulto, o produto final visado, através da ação do professor.

Assim, o autor relaciona a formação acadêmica que o homem deve apresentar ao longo da existência até a sua maturidade a uma pista de corrida: **a vida escolar dos estudantes seria um caminho ou pista que deveriam atravessar até atingir o ponto de chegada, nessa circunstância, concluir sua graduação.** No preâmbulo de seu livro, o autor reitera tê-lo redigido para auxiliar de introdução às teorias do currículo nas instituições de formação de professores para a educação básica (Bobbitt, 1918).

Posteriormente, Tyler (1949) com a obra de “Basic Principles of Curriculum and Instruction”, onde se argumenta que a educação deve ser orientada para a sequência dos **objetivos educacionais**

Apoiando-se nas ideias de Dewey, expõe quatro questões cujas respostas constituiriam a sua teoria do currículo, que muito marcou o que se seguiu.

- quais os objetivos educacionais a perseguir pela escola?
- quais as experiências educacionais a oferecer para atingir os objetivos?
- como organizar essas experiências ?

- como avaliar se os objetivos foram alcançados? (Freitas, 2000).

Conclui que as respostas de cada escola serão necessariamente diferentes conforme as situações, **recusando a ideia de currículo uniforme e disciplinar**. No entanto, aquilo que parece ter ganho maior destaque da sua proposta foi **a preocupação com a definição dos objetivos educacionais**, que seria apoiada e reforçada com a edificação, na década de 50, da Taxonomy of Educational Objectives, elaborada pela equipa de Benjamim Bloom (1956).

A lógica subjacente é a da eficiência social, onde o currículo assume um carácter altamente prescritivo, que importa explicitar através de objetivos específicos, relativos a disciplinas específicas, expressos por comportamentos — o que vai de encontro às tendências behavioristas que na altura ganham força.

Para tanto, é indispensável recorrermos à história e a essência do currículo e suas questões atuais. Deste modo para Silva (1999, p. 23):

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais.

Ao abordar as teorias relacionadas ao currículo, **separando-as em teorias tradicionais e teorias críticas. Nas teorias tradicionais surgem dois autores: Bobbit e Tyler.**

Bobbit escreve a obra “The Curriculum: escolarização de massas”, este defende a **implementação de dois princípios: o da administração científica e o da administração da racionalidade técnica**. No primeiro propõe-se **aplicar o Taylorismo às escolas, isto é, fazer com que as mesmas possuam objetivos e devem ser impostas metas, definidas**

pele Estado, aos alunos. A nível macro **definem-se os objetivos gerais**, a nível meso são **enquadrados esses objetivos nas instituições** e a nível micro **os professores devem contribuir para que cada aluno atinja as metas propostas**. O segundo, por sua vez, **consiste nas recompensas para quem consegue atingir** os objetivos propostos. Bobbit crê, ainda, que deve haver uma padronização dos processos pedagógicos.

Tyler, por sua vez, realiza um estudo denominado **“Princípios básicos de currículo e instrução”**. Este considera que o currículo é desigual e ainda não está completamente bem definido. **Desta forma, sugere que cada país ou sociedade trace os seus objetivos educacionais**. Tyler apoia a ideia de as escolas serem tecnocratas, ou seja, serem uma adaptação ao mercado de trabalho, devendo, assim, haver um maior controlo dos resultados e uma melhor explicitação dos objetivos propostos. Para o autor a escola deve ser responsável por transmitir os conhecimentos humanísticos, preparar moralmente e intelectualmente os seus alunos para a vida em sociedade, oferecer os mesmos caminhos a todos (algo que não abona a favor das classes baixas) e, como dito anteriormente, **preparar os alunos para as exigências do mercado de trabalho. A escola funciona, portanto, como modeladora do comportamento humano. Os conteúdos programáticos devem ser vistos como verdades absolutas e indiscutíveis**. E os métodos de avaliação **só valorizam aspetos cognitivos, como a memorização, sendo estes analisados através de testes. O professor é o centro do processo educativo** e os alunos devem ser submissos, a relação destes dois atores é regida por regras rigorosas.

Assim sendo, algumas das características que as teorias tradicionais do currículo são: a defesa do ensino humanístico de carácter geral; do ensino de carácter verbalista, autoritário e inibidor da participação do aluno; da valorização do conteúdo, do aspeto intelectual e da disciplina; da educação ser centrada no professor, que deve dominar os conteúdos, ensinar é transmitir conhecimentos; da procura de eficiência, eficácia, qualidade, racionalidade e produtividade na escola, esta deve funcionar como uma empresa.

TEORIAS DO CURRÍCULO

As teorias são um conjunto de leis, princípios e/ou regras, aceites pela comunidade científica e que justificam ou fundamentam determinadas práticas.

Neste tópico serão levantadas as principais teorias do currículo em concordância com a classificação em que Silva (2011) apresenta no livro “Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo”.

As teorias tradicionais

Segundo SILVA, T. T. da (2007) as teorias tradicionais do currículo caracterizam-se pelo rompimento com o modelo padrão clássico humanista de educação e, logo, de currículo, centra-se na essência do intelecto, no conhecimento; homem constituído por uma essência imutável, ensino de carácter verbalista, autoritário e inibidor da participação do aluno, conteúdos enciclopédicos, descontextualizados, valorização do conteúdo, do aspecto intelectual, da disciplina, educação centrada no professor, que deve dominar os conteúdos, ensinar é repassar conhecimentos, aprendizagem é a modificação de desempenho, ensino é processo de condicionamento / reforço da resposta, através da mecanização do processo.

A base teórica da teoria tradicional possuía uma forte raiz científica que deixava possíveis constatações mais complicadas já que uma base científica possuía muito mais peso, no entanto ao se referir a um processo que trabalha com a subjetividade presente nos indivíduos sempre há que pode ser chamado nessa vertente de “erro”. Não em seu sentido mais amplo, no entanto, ainda sim, trazendo de acordo com Bobbitt, o conceito de padrão dentro do processo de ensino. E o mesmo até exemplifica isso com o auxílio da matemática onde Silva (apud. Bobbitt. 2017. p. 24) demonstra a realização de adição de uma turma da oitava série que delimita e analisa o ritmo na qual é feita essas adições. O padrão utilizado em fábricas para acelerar o processo de fabricação por meio de médias repetitivas e mecanizadas é o mesmo que se é pensado na educação. O que se

desenvolve é a agilidade em realizar uma soma e não o desenvolvimento do conhecimento que se dá acerca do assunto. No entanto, tais modelos de currículos só seriam realmente contestados, de acordo com o autor, da década de 70.

1.1.2 Teorias Críticas

Os movimentos sociais e culturais que caracterizaram na década de 60 em todo o globo. A partir da década de 1970, as teorias tradicionais do currículo começaram a ser contestadas. Autores passaram a debater o status quo e, portanto, a ideia de currículo aceita até então.

Difundiou-se a ideia de que a percepção crítica das funções e objetivos do currículo é de indispensável relevância para elaboração deste. Silva (1999, p.30) postula que, conforme “as teorias tradicionais eram teorias de aprovação, ajustamento e adaptação”, as teorias críticas eram “de desconfiança, indagação e mudança radical”.

Nenhuma teoria é neutra, pois existem conexões entre o saber identidade e poder. Ao pensar nas consequências do currículo que ideologia

Diferentes autores ao redor do mundo marcaram as teorizações críticas da educação. Apesar de que nem todos tenham feito estudos especificamente sobre a questão curricular, mesmo assim colaboraram indiretamente para o crescimento de uma teoria crítica com cada um apresentando suas peculiaridades. Dentre os principais autores e obras, podem-se ressaltar Louis Althusser (“A ideologia e os aparelhos ideológicos do estado”), **Michael Apple, Ideologia e currículo**, **Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (“A reprodução”)** e **Paulo Freire (“Pedagogia do oprimido”)**.

Fenomenologia e hermenêutica (interpretação) a ênfase não está nas estruturas ou categorias teóricas, mas no significado que os sujeitos dão às suas experiências.

A escola constitui-se no aparelho ideológico do estado e atinge quase toda a população por um longo período e transmite a ideologia através do seu currículo.

Michael Apple, Ideologia e currículo

O livro Ideologia e Currículo aborda as questões que existem entre conhecimento legítimo, ensino e poder, colocando em primeiro plano as questões relativas às escolas como organizações sociais, e também as atitudes dos professores, dos jovens e dos pais em relação às classes sociais, a questões raciais e de etnicidade. Ideologia e currículo é um dos livros de educação mais importantes de nossa época. “Embora discutir a política do currículo escolar seja algo muito mais corriqueiro do que há vinte e cinco anos, o livro Ideologia e currículo, de Michael Apple, é um dos relatos mais instigantes e criteriosos de como a ideologia de fato permeia e trespassa todos os currículos escolares, sejam eles manifestamente públicos ou fechados e obscuros.” Geoff Whitty, Diretor do Instituto de Educação da University of London.

A função da escola em Bourdieu

Para Bourdieu, a escola cumpre a função de reprodução das estruturas sociais. **“A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”**

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.” (BOURDIEU, 2007a: 41).

No primeiro tópico do texto, **“A transmissão do capital cultural”**, o autor apresenta a importância da herança familiar no desempenho escolar. A família transmitiria um sistema de valores interiorizados, um ethos, que, entre outras coisas contribuiria para definir as atitudes frente à escola.

Ainda segundo Bourdieu (2007a: 41/42): “A herança cultural... é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, consequentemente, pelas taxas de êxito”. Obviamente, se o sistema de ensino se apresenta igualitário a indivíduos que se distinguem em uma série de fatores, logo, a igualdade de condições se transforma em desigualdade de rendimentos.

“As crianças dessas classes sociais que, por falta de capital cultural, tem menos oportunidades que as outras de demonstrar êxito escolar devem, contudo, demonstrar um êxito excepcional para chegar ao ensino secundário.” (BOURDIEU, 2007a: 50).

É a **ideia de igualdade** proposta por este modelo. **Para Bourdieu, tal não passa de uma falácia**, já que, **ao se propor a igualdade no sistema de ensino**, o que se faria não seria mais do que **reforçar as desigualdades**.

Segundo Bourdieu a **função da escola, na sociedade capitalista, está longe de ser a de libertação dos oprimidos**.

Antes disso, a escola seria uma instituição de propagação da cultura dominante, que poderia mesmo ser proposta a todos (a cultura dominante), já que, por sua dinâmica, estaria restrita ao seu pequeno grupo de origem. A “ideologia do dom” além de justificar a dominação das elites, ainda inculca na mentalidade dos dominados que seu destino de exclusão, dentro ou fora da escola, se deve a sua falta de capacidades

“**A escola e a prática cultural**” a ação de centros culturais ou de educação popular, enquanto perdurarem as desigualdades frente à escola, serviriam apenas para disfarçar as desigualdades culturais que não conseguiriam, de fato, eliminar. **É somente a escola, mas em uma configuração diferente da tradicional, burguesa, a instituição capaz de tal transformação social.**

Bourdieu chama de “**Arbitrário Cultural**”, ou seja, a **imposição de uma determinada cultura (para Bourdieu, de classe) sobre outra. Isso nos leva ao seu conceito de “violência simbólica”**. **Um currículo pode sim se estabelecer enquanto uma violência aos que ele se impõe, quando determina como escolares** e, por isso, valorizados, determinados conteúdos, e ao contrário, populares, do senso comum e, por isso, não escolares.

Bourdieu faz questão de deixar claro que, se de alguma maneira a escola é responsável pela **reprodução das desigualdades sociais, de outro modo só ela, mas em uma estrutura diferente** da existente até então, é que seria capaz de amortizar as diferenças iniciais diante de si, e a partir daí trabalhar pela a tão sonhada promoção da igualdade de classes.

Segundo o autor: “somente uma instituição cuja função específica fosse transmitir ao maior número possível de pessoas... as atitudes e as aptidões que fazem o homem “culto”, poderia compensar (pelo menos parcialmente) **as desvantagens daqueles que não encontram em seu meio familiar a incitação à prática cultural.**” (BOURDIEU, 2007a: 61)

Quanto às práticas curriculares, que o autor chama genericamente de **práticas culturais, quais sejam, as formas de avaliação, recompensa, incentivo, apresentação dos conteúdos, demandas dos discentes etc.** Assim, diante de insolúvel problema da imposição de um “**arbitrário cultural**”, a grande questão seria a de **como reverter o efeito desse arbitrário, transformando reprodução em emancipação**

Contribuições que Bourdieu, mesmo indiretamente, pode dar ao debate sobre o currículo. Não obstante as reais limitações que essa introdução de uma corrente do paradigma da reprodução aos debates curriculares demonstra, penso que, em primeiro lugar, ela ajude na conceituação do currículo como algo historicamente construído. Essa corrente nos serve para reforçar a ideia de que a escola e o currículo precisam ser pensados dentro do contexto social em que estão inseridos.

Por sua vez, temos as teorias críticas do currículo, que surgem para como o nome indica criticar o papel que a escola tinha. O grande problema destas não está na definição de objetivos, mas sim em como se verifica se esses objetivos foram atingidos. A sociedade começa a mudar nesta fase, havendo um maior espírito crítico, mas ainda se divide em burguesia e proletariado, sob a forma de luta de classes. A escola que tem o papel de reduzir estas desigualdades não o faz, só agrava a situação, usando códigos de linguagem complexos o que faz com que os mais desfavorecidos não percebam o conteúdo, acabando por ser marginalizados.

Conclusão

Desta forma, as teorias críticas do currículo pautam por características como: crítica aos processos de adaptação e repressão da hegemonia dominante; crítica à racionalidade técnica; rotura com a manutenção do status quo; crítica à escola como reprodutora de desigualdade sociais.

Teoria pós-crítica

Com as dinâmicas da sociedade e segundo alguns autores a globalização a santificação do mercado e o novo sistema económico, recupera algumas ideias do liberalismo, mas que se estabelece como neoliberalismo.

Assim, o mercado globalização e neoliberalismo atravessam todas as relações sociais e vão automaticamente trespassar na educação e no currículo. Existe uma grande preocupação com a escola quer na ajuda ao desenvolvimento de competências e habilidades e se afasta da formação de pessoas que se possam ajustar ao mercado lugares de trabalho não para fazer uma leitura crítica da sociedade, mas ocupar os postos de trabalho.

Entendem que precisam a vida toda de constante formação do processo de aprendizagem porque a sociedade e as novas tecnologias e o processo de mudança é tao intenso que perde rapidamente o valor e precisa de constante atualização, porque é assim que a tecnologia o exige.

Outras formas de análise que nos ajudam a compreender a sociedade , questiona os processos de modernidade, problematiza as verdades do discurso científico, mas precisa que a sociedade valorize as diferenças , trabalhe com outros conceitos culturais, identidade, diferença, género.

Agrupam-se em torno de um conceito que nada mais é do que um campo de disputas. Este campo teórico das teorias pós – críticas são propostas pedagógicas muito influenciadas por estas ideias.

As propostas curriculares e o número de práticas que os professores têm que incluir e ajudar as crianças pertencentes a grupos minoritários para os produzir como diferentes